

REFLEXÕES SOBRE O FILME “O ENIGMA DE KASPAR HAUSER” EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICA EM PSICOLOGIA

Este artigo tem como objetivo discutir, a partir do filme “O enigma de Kasper Hauser”, sobre as concepções teóricas que balizam o processo de avaliação psicológica de alunos que apresentam queixa escolar. O trabalho sinaliza a relevância de uma investigação e intervenção psicológicas para além de uma perspectiva individual do aluno em questão. Ampliar o olhar para o conjunto de relações que se configuram no espaço escolar, pode ser um recurso para o profissional esclarecer os mecanismos que bloqueiam o processo ensino-aprendizagem, identificar os fenômenos constituintes da queixa e propor práticas efetivas que vinculem todos os implicados nesse processo.

Descritores: Psicologia, educação, avaliação psicológica.

THOUGHT ABOUT THE MOVIE “JEDER FÜR SICH UND GOTT GEGEN ALLE” IN A CRITICPSYCHOLOGY PERSPECTIVE

The aim this essay is discuss the teoric concepcion of Educacional Psychology that is used in assess the child, to this refection we used the movie “Jeder für sich und gott Gegen Alle”. The essay show the history of Psychology at educacional and a critic thought about this work of Psychologist at school. This paper signpost the needing of Psychology work to beyond of a traditional perspective, but a critic practice in the school subject. A investigacion about relationship into scholar place to allow to Psychology clean the mecanisms that stop the teacher- learning process, beside of promove efetive practice that join all people this process.

Keywords: Psychology, education, Psychology assessment

Introdução

O seguinte trabalho tem como intuito produzir uma reflexão sobre a prática de avaliação e intervenção psicológicas relacionadas à queixa escolar. Nesse sentido, o filme “O enigma de Kaspar Hauser¹” será utilizado como dispositivo para o questionamento de concepções teóricas que fundamentam a prática de uma avaliação psicológica.

Pequenos apontamentos sobre o percurso histórico da Psicologia na esfera da educação e seus desdobramentos serão traçados, para melhor entendimento acerca das concepções que fundamentam a prática psicológica, nesse campo da atuação.

Uma sinopse do filme, com os principais acontecimentos narrados sobre a história de Kaspar, foi anexado ao corpo do texto, delimitando os elementos fundamentais para uma melhor compreensão do trabalho.

Após descrever os principais métodos de avaliação psicológica na esfera escolar e da sinopse do filme, discutiremos o modelo clássico de atuação do Psicólogo nas Escolas e enfatizaremos uma prática crítica nesse mesmo cenário.

Por fim, seguem as considerações gerais sobre o tema proposto, a partir do ponto de vista do autor do estudo que se apresenta, que servirá de porta de entrada para reflexões outras que contribuam para um olhar mais crítico acerca da prática psicológica.

Alguns apontamentos sobre a Psicologia no contexto educacional

As idéias e práticas psicológicas no contexto educacional, não estão desvinculadas dos movimentos históricos do Brasil, elas são subsidiadas por correntes teóricas educacionais emergentes em diferentes períodos da história do

¹ Ficha Técnica: duração: 104 minutos; Áudio em Alemão, ano: Alemanha/ 1975; Direção Werner Herzog. Elenco: Bruno Sobral; Walter Ladengest; Brigitte Mira.

país. Para tanto, a trajetória dos movimentos sociais no Brasil, articulada com a história da educação no país e relatos sobre a atuação da Psicologia no campo escolar são assuntos destacados em pesquisas, como de Patto (1999) Contini (2001) e Antunes (2003). Seguindo o mesmo intento dessas pesquisas, propomos fazer alguns apontamentos sobre o início dessa trama entre Psicologia e Educação, para compreender que a prática atual, centrada no modelo clínico, é reflexo de métodos tradicionais utilizados pela Psicologia ainda em fase de constituição.

No século XIX, estudos apontam concepções psicológicas agregados a temas educacionais, como: métodos de aprendizagem, a natureza do desenvolvimento psicológico da criança, influencia dos pais na formação dos filhos, instrumentos de controle, conduta humana, manipulação, educação feminina e educação indígena. (MASSIMI & GUEDES, 2004). Além de outros, como: a educação das faculdades psíquicas humanas, inteligência, sensações, a aprendizagem por meio de técnicas de recompensas e castigos e desenvolvimento psicológico, conforme apontado por Antunes (2004, 2003).

O período que se segue marca definitivamente o estreitamento das relações entre a Psicologia e Educação. Com intuito de melhorar as péssimas condições que o país se encontrava no início do século XX, problemas de urbanização, epidemias, falta de saneamento básico, péssimas condições de habitação e de trabalho, diversas áreas do conhecimento se fortalecem no país, dentre elas a Psicologia.

A Psicologia passa a ser subsídio teórico para a Reforma da Educação nos anos 1920, respaldada pelas pesquisas científicas na área do desenvolvimento psicológico. (ANTUNES, 2003). Estudos sobre o desenvolvimento infantil, processos de aprendizagem, testes pedagógicos e psicológicos, atenção, memória, raciocínio infantil foram temas de destaque nesse período.

Diante desse cenário, diversos profissionais da área da Psicologia, influenciados pelos conhecimentos da Europa e dos Estados Unidos, introduziam seus conhecimentos na área, desconsiderando toda uma realidade social na qual o país se encontrava naquele momento. (ANTUNES, 2003).

Nesse período, estudos no âmbito da Psicologia na educação enfatizavam os

aspectos psicológicos dos alunos, deixando de lado de suas discussões as práticas pedagógicas que estavam implicadas ao processo ensino aprendizagem. O fato poderia escamotear problemas de um sistema de educação falido desde o início da República, quando a emergência era alfabetizar um grande número de crianças sem a preocupação de um ensino de qualidade.

No período do reconhecimento da Psicologia enquanto ciência e profissão, 1960, a prática da Psicologia no campo da educação se disseminava em duas frentes de trabalho. Uma ligada ao processo pedagógico e outra pautada no desenvolvimento psicológico do aluno, assim como apresenta Antunes (2004, p. 141).

No que se refere à Psicologia na Educação, a situação foi bastante complexa. De um lado, o conhecimento psicológico estava incorporado aos diferentes aspectos da Pedagogia e à prática profissional dos educadores; por outro lado, a atuação do psicólogo na escola estava muito calcada numa perspectiva clínica, ocupando-se do atendimento individual de crianças designadas como “portadoras de problemas de aprendizagem” fora da sala de aula. (ANTUNES, 2004, p. 141).

Nos anos subseqüentes, a atuação do Psicólogo na esfera educacional passa a ser criticada, uma vez que era considerada uma prática que valorizava o atendimento exclusivamente clínico, destituindo questões de âmbito social dos problemas escolares. (ANTUNES, 2003).

O modelo de abordagem centrada no cliente, com diagnóstico e tratamento individuais, é utilizado por profissionais, desde o período de consolidação da Psicologia enquanto ciência e profissão. Um trabalho realizado por Checchia e Souza (2003), sobre o levantamento de pesquisas que enfatizam a formação do psicólogo, em diferentes períodos desde a regulamentação da profissão, mostram uma disseminação da prática clínica, mesmo diante da ampliação dos campos de atuação da área. No entanto, tais práticas são identificadas como único suporte para os profissionais, limitando o olhar acerca das questões psicológicas e sociais no contexto educacional.

Diversos Psicólogos que atuam na esfera escolar tentam resgatar esse olhar

para o contexto social e ampliar seu campo de atuação, tendo como suporte pesquisas e práticas sérias, centradas em uma perspectiva sócio-histórica da Psicologia na Educação. Damos destaque as pesquisas de Patto (1990), Moysés e Colares (1997), Proença (2005), Proença (2010), dentre outros trabalhos.

Estudos sobre Vigotski tem contribuído para entender os processos educacionais em uma perspectiva sócio-histórica. Nessa perspectiva, para entender a constituição do pensamento e da ação humana requer ultrapassar, mas não anular, os aspectos psicológicos e considerar as relações sociais implicados na construção dessas configurações. Assim como salienta Tanamachi e Meira (2003, p. 24) na citação abaixo.

Para tanto, destaca o cérebro como órgão material da atividade mental, que também se adapta às transformações no meio físico e social; o processo de internalização que permite a apropriação de conceitos, valores e significados, a partir da atividade cognitiva e da consciência em relação à atividade externa; o conceito de mediação, possível por meio dos sistemas simbólicos que representam a realidade (instrumentos e linguagem, que regulam as ações sobre os objetos e sobre o psiquismo respectivamente). Conclui que os processos de funcionamento mental do homem são fornecidos pela cultura (no plano social interpsicológico), por meio de instrumentos psicológicos são internalizados (movimento intrapsicológico), produzindo o movimento de individuação (que é singular, mas socialmente construído). (TANAMACHI & MEIRA, 2003 p. 24)

Para Vigotski (2001), o desenvolvimento das funções psicológicas superiores do indivíduo estão em constante relação com seu meio ambiente. Aproximando esse pensamento de Vigotski com a prática educacional, o docente seria aquele que aproximaria conteúdos ainda não internalizados pelo aluno (zona de desenvolvimento proximal) aos já adquiridos (Zona de Desenvolvimento Real). Assim sendo, o nível de desenvolvimento real são as funções mentais já estabelecidas pela criança, após um processo de internalização, e a Zona de desenvolvimento proximal seria a continuação ainda não internalizada, mas que, com auxílio, o aluno consegue alcançá-la.

Considerar o processo ensino-aprendizagem como parte da avaliação psicológica, é uma possibilidade para o profissional esclarecer os problemas de escolarização e voltar a atenção para o funcionamento do sistema escolar como um todo.

Para discutir acerca das concepções tradicionais e da perspectiva crítica em Psicologia no processo de avaliação das questões escolares, será utilizado o filme “O enigma de Kaspar Hauser”. Anterior a esta discussão será realizada uma síntese da seguinte produção cinematográfica, com destaque aos principais acontecimentos, para melhor compreensão do presente trabalho.

Sinópsse do filme

O filme “O enigma de Kaspar Hauser” narra a história verídica de um homem que foi encontrado na praça central de Nuremberg (Alemanha), no ano de 1828.

Durante 16 anos preso em um cativieiro, Kaspar, protagonista, não mantinha relações com o mundo exterior e nem com pessoas. Por isso, hábitos simples, como atividades de vida diária, higiene, alimentação, comunicação, dentre outras tarefas socialmente construídas, não foram estimuladas.

O ambiente que Kaspar vivia, limitado nas condições físicas e estímulos sociais, é registrado, nas primeiras cenas do filme, por um cenário que se configura: por um cômodo pequeno (o chão forrado com capim seco, sem janelas e por uma porta sempre fechada); um menino (vestido e amarrado pelo suspensório ao chão, brincando com um cavalo pequeno de brinquedo); o pão e a água (os únicos alimentos oferecidos ao menino durante seu período de sono) e por sons (que eram os emitidos por ele, mas vivia a maior parte do tempo em silêncio).

Após 16 anos preso, Kaspar foi colocado em pé, mesmo diante da dificuldade para sustentar o próprio corpo, em uma praça da cidade de Nuremberg. Junto com ele havia uma carta sem assinatura, descrevendo sua história.

Diante da figura estranha que se encontrava no meio da praça, a população se compadeceu e entregou Kaspar para um agente da polícia local. O menino foi

levado para um calabouço, mas os agentes da cidade interpretaram seus estranhos hábitos como de um homem com espírito que percia. A partir dessa compreensão, os agentes perceberam que nada obteriam ao submeter o menino a métodos policiais tradicionais, então, oferecem para Kaspar um tratamento focado em aprendizagem, por meio de um tutor.

Kaspar era observado dia e noite, através das grades, pelos agentes, enquanto aprendia tarefas básicas do cotidiano, como: alimentação, vocabulário, regras básicas de civilidade e cuidados gerais, com o auxílio de um professor. Os aspectos cognitivos e sociais pouco estimulados, devido à permanência do menino no cativeiro, se desenvolviam aos poucos. Após algum tempo de convívio com diversas pessoas, Kaspar continuava o estranho, um enigma para a cidade de Nuremberg. Essa trama acaba após o segundo atentado contra o garoto.

Durante a autópsia, foi encontrado no corpo de Kaspar uma anomalia cerebral, “cerebelo altamente desenvolvido e lado esquerdo do cérebro menor que o normal”. Para os magistrados da cidade, estava decifrado o enigma de Kaspar. “Finalmente temos a melhor explicação que poderíamos achar sobre este estranho personagem”. A explicação de todo comportamento anormal do menino estava na sua configuração orgânica.

A partir dos pontos destacados por essa sinópsse, prosseguimos com os objetivos propostos por esse trabalho.

Para além de uma avaliação psicológica tradicional nas questões escolares

O filme, “O enigma de Kaspar Hauser”, narra a história verídica de um menino que viveu no cativeiro por 16 anos, privado de estímulos sociais e conteúdos escolares. A trama permite reflexões acerca do papel dos estímulos externos para a aprendizagem da criança, enfatizando o desenvolvimento das funções psicológicas, sendo essas funções produtos da interação do indivíduo com o mundo, não destituindo suas bases biológicas. Porém, a explicação biológica dos estranhos comportamentos do menino foi apenas o final de uma trama marcada de momentos

que revelam a implicação de aspectos sociais no desenvolvimento das habilidades, várias histórias atuais tem o mesmo desfecho. A privação social vivenciada por Kasper não é tema de investigação dos profissionais, sendo a anomalia orgânica no cérebro, observada durante a autópsia, fonte única e exclusiva dos estranhos comportamentos do menino.

O modelo médico de assistência, cujas raízes advém de um pensamento clínico da medicina, há muito tempo é usado pelos profissionais da saúde. Conforme Foucault (1997), esse modelo é amparado pelo método anátomo-clínico, o olho que tudo vê e tudo sabe, narrado de uma forma crítica em seu livro “O nascimento da clínica”. Esse modelo de representação da doença, apropriada pela medicina ocidental, como salienta Laplantine (2004), busca as causas dos fenômenos patológicos em anormalidades do organismo.

Esse entendimento acerca da saúde e da doença fundamenta a prática dos profissionais da saúde e marca fundamentalmente a evolução científica da medicina no século XIX. Os médicos, ao serem os primeiros especialistas que se debruçaram sobre as questões escolares, foram uma influência para a atuação do Psicólogo na educação. (PATTO, 1990).

Ao desvencilhar de métodos tradicionais que culpabilizam o indivíduo e investigar os problemas de escolarização de uma forma abrangente, considerando todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem, é uma forma de ampliar os recursos para esclarecer os problemas enfrentados hoje em dia pelas escolas.

O caso Kasper acentua a reflexão sobre a influência social no processo ensino-aprendizagem, não descartando as questões biológicas envolvidas. Os comportamentos e hábitos estranhos do menino, frente a uma sociedade cheia de hábitos e comportamentos padronizados, mostram as conseqüências da privação aos estímulos sociais e conteúdos escolares. A produção de hábitos, comportamentos e conhecimento são garantidos pelos processos psíquicos internos em constante relação com o ambiente.

Ao não ter acesso aos conteúdos culturais, a criança não será capaz de

desenvolver conhecimentos e comportamentos esperados para um adulto que identificamos como “normal”. A função do professor é agenciar e providenciar o acesso do aluno aos bens culturais, para estimular o desenvolvimento das capacidades superiores, por meio dessa aprendizagem. Vigotski (1987) enfatiza a necessidade de se pensar sobre a interação entre desenvolvimento psicológico e aprendizagem como inerentes ao processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores (tais como atenção voluntária, memória, abstração, comportamento intencional. Para Vigotski (1929/ 2000), a interação da criança com o social representa uma transformação das funções mais primitivas, permitindo um desenvolvimento das funções psicológicas superiores. O desenvolvimento da criança se inicia em suas funções mais primitivas, e se aprimora a partir da necessidade junto ao ambiente.

[...] é precisamente durante o início da idade escolar que as funções intelectuais superiores, adquirem um papel de destaque no processo de desenvolvimento. A atenção, que antes era involuntária, passa a ser voluntária e depende cada vez mais do próprio pensamento da criança; a memória mecânica se transforma em lógica orientada pelo significado, podendo agora ser usada deliberadamente pela criança..[...] (VIGOTSKI, p. 77, 1987)

No entanto, o percurso da trama de Kasper permite se pensar sobre os possíveis efeitos da privação aos estímulos sociais, mas o desfecho da história, explicação fundamentalmente biológica, limita o campo de investigação do profissional que atua na trama.

Se compararmos o desfecho da história com os métodos psicológicos frequentemente utilizados para avaliar as queixas escolares, as investigações sobre a produção do problema escolar estarão limitadas pelas características biológicas do indivíduo, colocando à margem da investigações outras dimensões que poderiam contribuir para o esclarecimento da produção da queixa.

Ao justificar os estranhos comportamentos de Kaspar pelo orgânico, não há espaço para se pensar outros fatores que intensificam o problema. Por outro lado, ao reconstituir a história de vida do menino, busca-se ampliar o campo de investigação dos hábitos e comportamentos estranhos. Sob essa mesma direção, algumas perspectivas críticas buscam novas compreensões acerca dos problemas na escolarização e alternativas para a superação das queixas.

Uma avaliação psicológica na vertente crítica em Psicologia permite questões acerca do histórico de vida da criança, seus problemas emocionais e problemas cognitivos, não destituindo a avaliação das *ações pedagógicas* (PROENÇA, 2005) da qual tanto a criança, quanto professores fazem parte. “Pois simplesmente afirmar para o professor que o seu aluno apresenta um distúrbio emocional, em geral, paralisa a ação pedagógica”.(PROENÇA, 2005, p. 91).

Por meio de uma perspectiva crítica busca-se uma ampliação das investigações, uma atuação profissional sobre os aspectos educacionais emergenciais, tanto do indivíduo que sofre e precisa de ajuda, quanto dos problemas graves que permeiam o interior do sistema educacional. Não há uma prática pré-estabelecida, mas uma prática constituída a partir da análise do sintoma que, em princípio, é o que chega até os consultórios ou outras instituições, mas a avaliação e intervenção não se encerram nele.

Baseado nos textos de Machado (2002), Tanamachi e Meira (2003), Facci, Eidt e Tuleski (2006), dentre outros autores utilizados para compor este trabalho, a atuação do Psicólogo se baseia na idéia de que o sintoma advém de diversas causas, sendo necessário analisá-las a partir da reconstrução da história de vida escolar da criança e de questionamentos a esse respeito.

Neste sentido, a avaliação psicoeducacional precisa ir além da avaliação do aluno, de seus conhecimentos e competências como decorrentes de fatores orgânicos de desenvolvimento e maturação, precisa ser também uma avaliação da escola e de suas metodologias, dos conteúdos que esta oferece aos alunos, bem como da qualidade das mediações. Em suma, constitui-se numa avaliação que extrapola o âmbito psicoeducacional para o âmbito sócioeducacional, ao considerar

a escola e a sociedade onde a criança está inserida, sendo menos excludente e seletiva e mais dinâmica, desenvolvimentista e revolucionária, como proposta por Vigotski e seus continuadores. Neste campo, no entanto, muito há para ser feito, no interior das universidades e escolas, rompendo inclusive com a cisão entre pesquisa e prática pedagógica. [...] (FACCI, EIDT & TULESKI, 2006, p. 120).

O uso de diversos dispositivos para a compreensão do funcionamento cognitivo, investigações sobre as relações diárias entre professor e aluno, um trabalho com os pais e uma análise qualitativa do caso, contribuiriam para uma atuação mais efetiva do profissional.

A intervenção psicológica deve integrar uma percepção da “complexidade da realidade escolar” (CHECCHIA & PROENÇA, 2003, p. 121), em que todas as manifestações dos atores estão implicados. Ao entendermos que a aprendizagem é um processo, todos os atores que compõem a instituição escolar, alunos, pais e professores, estão implicados, no processo de avaliação e na intervenção.

Compreender a aprendizagem como um processo que se estabelece e se amplia no e pelo social, não desconsiderando questões biológicas do ser humano, é contraditório ao desfecho do filme, no qual especialistas explicam os estranhos comportamentos de personagem do filme apenas como uma anomalia cerebral. Essa produção cinematográfica retrata uma prática emergente nos dias atuais nas escolas brasileiras de qualificar a questão biológica como justificativa para os problemas de aprendizagem de seu alunado. Nesse sentido, a prática psicológica em questões referentes à aprendizagem humana requer uma atuação para além de uma avaliação tradicional, mas uma superação de idéias que reduzem o indivíduo, de teorias que fragmentam o homem e concebem o sujeito sob um ponto de vista apenas.

Considerações finais

A responsabilidade ética do Psicólogo que atende a demanda escolar está no compromisso de atuar de forma mais crítica e refletir sobre os possíveis obstáculos que interferem no processo de escolarização. Moysés (2001) nos orienta para uma ruptura de olhar no intento de compreender o processo de escolarização em todo seu entorno. A própria palavra “processo” já indica um movimento na esfera pedagógica, na qual o aluno não é o único produtor de acontecimentos, mas todos aqueles implicados na escolarização.

A atuação do psicólogo frente às queixas escolares é um desafio que requer explorar o conjunto de relações que se configuram no espaço escolar e atuar de modo com que as práticas vinculem todos os envolvidos no processo educacional. Uma prática psicológica crítica não sugere o empreendimento de uma nova teoria além das que já existem, mas um olhar crítico às abordagens clássicas que tem uma concepção reificada de sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, M. A . M. Psicologia e Educação no Brasil: um olhar histórico-crítico. In: MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M.A.M. *Psicologia escolar: teorias críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

ANTUNES, M. A . M. A Psicologia no Brasil no século XX: desenvolvimento científico e profissional. IN: MASSIMI, M.; GUEDES, M. do C. (orgs). *História da Psicologia no Brasil: Novos estudos*. São Paulo: Educ, 2004.

CHECCHIA, A.K. A. ; PROENÇA, M. Queixa escolar e atuação profissional: apontamentos para a formação de psicólogos. In: MEIRA, M. E. M. ANTUNES, M. (Orgs) *Psicologia escolar: teorias críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CONTINI, M. de L. J. Psicologia e Educação no Brasil. In: CONTINI, M. de L. J. O Psicólogo e a promoção de saúde na Educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

FACCI, M. G.; EIDT, N. M.; TULESKI, S. C. Contribuições da teoria histórico-cultural para o processo de avaliação psicoeducacional. *Revista de Psicologia USP*, 17 (1), 99-124, 2006.

FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

HERZOG, W. *O enigma de Kaspar Hauser [filme]* roteiro e produção de Werner Herzog, Alemanha, 1975, duração: 104 minutos, Áudio em Alemão.

LAPLANTINE, F. *Antropologia da doença*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MACHADO, A. M. Avaliação psicológica na Educação: mudanças necessárias. In: TANAMACHI, E.; PROENÇA, M.; ROCHA, M. (orgs). *Psicologia e Educação: desafios teóricos práticos*. 2ª ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MACHADO, A. M. M.; SOUZA, M. P. R. de (orgs) *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

MASSIMI, M.; GUEDES, M. do C. (orgs). *História da Psicologia no Brasil: Novos estudos*. São Paulo: Educ, 2004.

MOYSÉS, M. A. ; COLLARES, C. A . Inteligência abstraída. Crianças silenciadas: as avaliações de inteligência. *Revista Psicologia USP*, v. 8, n. 1, p. 63-90, 1997.

MOYSÉS, M. A. Olhar, classificar, diagnosticar: breve história de um olhar In: Moysés, M. A. A. *A institucionalização invisível. Crianças que não aprendem na escola*. Campinas, Mercado das letras, São Paulo, Fapesp, 2001.

PATTO, M. H. S. *A produção do fracasso escolar*. São Paulo: Ed. TA Queiroz, 1990.

PATTO, M. H. S. Ciência e política na primeira República: origens da Psicologia Escolar. In: Jacó Vilela, A. M.; CONDE, H. B. C.; JABUR, F. (orgs) *Clio- Psyché. Histórias no Brasil*, 2009.

PROENÇA, M. Prontuários revelando os bastidores do atendimento psicológico à queixa escolar. *Estilos da Clínica*, Vol. X, nº 18, 82-107, 2005.

PROENÇA, M . A queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo. In: SOUZA, B. P. A medicalização do ensino comparece aos atendimentos psicológicos. In: Conselho regional de Psicologia de São Paulo e Grupo interinstitucional queixa escolar (Orgs) *Medicalização de crianças e adolescentes. Conflitos silenciados pela*

educação de questões sociais a doença de indivíduos. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2010.

TANAMACHI, E. de R.; MEIRA, M. E. M. A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em Psicologia e Educação. In: ANTUNES, M.; MEIRA, M. *Psicologia escolar: práticas críticas.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e da linguagem.* São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VIGOTSKI, L. S. *A formação do Pensamento e da linguagem.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, v.21, n.71, jul. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=010173302000002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: ago.2011.